



Banabuyé
304 Anos

A Arcádia



Esperança
91 Anos

Órgão de história – Publicação Mensal
historiaesperancense@gmail.com

ANO III Terça-feira, 01 de agosto de 2017 N°25

ANTIGA FÁBRICA DE CAIXÕES

Houve um tempo que não existiam planos pós-morte e que o povo carente se enterrava com a própria rede. Ser conduzido em um ataúde para a morada eterna era um luxo para poucos. Os falecidos eram velados nas próprias residências de um dia para o outro. Servia-se café na cozinha, enquanto que os homens ficavam na sala contando histórias de “trancoso”.

O município passou então a dar o artefato, mas dia sim e dia não tinha uma viúva batendo a porta da prefeitura, foi então que alguém resolveu instalar uma fábrica de caixões na rua Theotônio Tertuliano, por trás da Secretaria de Educação.

O caixão fúnebre era construído dessas madeiras de caixa de batata, com alguns caibros para dar sustentação. Forrava-se com um plástico fino, de cor azul para homem ou roxo e rosa para mulheres.



Na tampa se colocava um vidro para ver o ente querido. Era pequeno e, a depender do defunto, precisava fazer alguns ajustes.

A prefeitura também dava a mortalha, que era um camisão, enquanto que as flores ficaram a cargo das beatas.

Era costume ver aqueles caixões subirem a ladeira do cemitério, empurrados por Pedro “Vai-levando” ou sua mulher Rita.

Por sem bem simples, muitas vezes o ataúde se

desfazia antes da hora e o imprevisto acontecia: de repente, o morto caía com o braço para um lado, deixando todos atônitos. Há quem diga que em alguns enterros o próprio fundo se rompeu, e quando a multidão percebeu o defunto tinha ficado para trás.

Durante muitos anos estes caixões foram construídos naquele prédio, numa marcenaria improvisada, para atender a gente pobre de Esperança. Serviam muito bem ao seu propósito, num tempo onde o social era o caminho.



EXPEDIENTE:

A Arcádia - Jornal de história
Publicação Mensal - Ano III, N° 25
Redatores: Rau Ferreira/Hauane/Heloíse
Contato: historiaesperancense@gmail.com
Aceita-se produção textual e contribuições:



DESAGRAVO (1923)

A Comunidade Católica em nosso município ainda engatinhava. A Paróquia recém-criada por ato de Dom Aurélio Miranda (1908), lutava para adornar o seu templo, adquirindo imagens dos santos venerados.

Há muito custo havia construído a Casa Paroquial (1916), mas em 1923 encomendara uma réplica do “Senhor Morto”. A relíquia lembra o corpo de Jesus pós-crucificação, mencionada nos evangelhos.

O Padre José Borges de Carvalho (foto ao lado), vigário paroquial de 1922 à 1929, convidou os esperancenses a irem até Campina Grande, para receberem a imagem, trazendo-a em procissão para Esperança. O povo logo acorreu a solicitação, somando-se cerca de três mil católicos.



Padre Zé Borges era forte opositor da doutrina protestante, para quem dirigia inúmeras críticas.

Ao tomarem conhecimento da recente aquisição para a igreja, dois evangélicos campinenses afrontaram aquela multidão, insultando o vigário e pretendendo falar à porta da Igreja de N. S. da Conceição.

Populares, indignados com aquela situação, vieram em defesa do religioso, formando-se um tumulto em praça pública que pretendia linchar os acusadores, não alcançando este intento graças à intervenção do delegado que conseguiu acalmar os ânimos em boa hora.

Após aquele incidente, o “Senhor Morto” foi conduzido até um veículo, de onde foi transladado para a Capela do Bom Conselho.

MONTANDADE (História que não se contou)

PS. de Dória

Complementando o texto sobre “A fábrica de caixões”, nos escreve PS. de Dória as lembranças de quando trabalhou para seu Cassimiro:

A oficina, que pertencia ao senhor Cassimiro, única casa mortuária de Esperança, localizava-se exatamente na área aonde hoje é rua que dá acesso à Rua José Andrade.

Também fabricávamos molduras para espelhos e postais. Eram operários do ofício os seus netos Zé de Cicinato e Danda, mas havia um outro senhor do qual não me recordo o nome; completávamos a equipe eu e outro ajudante aprendiz.

O seu Cassimiro, ficava a jogar dama e gamão (jogava como ninguém), na

calçada do seu estabelecimento com os seus contemporâneos Teotônio Costa e Teotônio Rocha e outros como Genésio Nogueira. Às vezes apareciam, também, Vicente Simão, Diogo Batista e o irmão de Santino Damião (o Liga), para entrarem na jogatina.

O seu Cassimiro adentrava, vez por outra, na oficina com o intuito de fiscalizar e orientar os operários do ofício no acabamento e cobertura dos ataúdes, com tecidos de murins azul, roxo rosa ou preto, ou mesmo em seda, cores mais comuns dos caixões.

Havia uma demanda maior para os de anjos, setor aonde eu ajudava, que normalmente eram azuis e que muitas vezes, quase que diariamente, assistíamos da calçada da oficina à passagem de um pai de corpo esquelético e desconsolado carregando sobre a sua cabeça o pequeno invólucro do seu anjinho sem vida rumo ao cemitério, sozinho ou acompanhado de duas ou três pessoas. Triste realidade!

ZÉ PEDRO TEM!

Janilson Andrade

Zé Pedro era um comerciante aqui de Esperança que morava próximo ao antigo SESP. Aqui quando alguém procurava alguma mercadoria que não encontrava o bodegueiro sempre dizia: Zé Pedro tem! Era como um dito popular e as pessoas se dirigiam a seu Zé. O curioso é que ele gostava da fofoca.

Então o freguês perguntava, por exemplo:

- Seu Zé, tem gás?

E ele respondia:

- Olha, tem não. Mas tá prá chegar!

Dizem que a mulher repreendia:

- Mas Zé e tu ainda dá corda!

- Deixa mulher, é tudo brincadeira – respondia seu Zé”.

NA MIUDEZA DO MEU PAI

Na miudeza do meu pai vendia de tudo,
Menos comida, menos cachaça,
Era na rua principal da nossa cidade,
O povo dizia a gente procura e acha.

Tinha tudo mesmo! de todo tipo de botão
a agulha, fina e grossa, e de costurar bisaco
Agulha de sapateiro, de crochê e de costurar saco,
Alfinete, broche, colchete e botão de pressão.

Tinha perfume dos mais variados e até Royal
Briar,
Sabonete fino e são aristolino pra coceira passar
Talco de pó pra criança e talco pra tirar chulé,
Loção de barba e todo tipo de loção pra mulher.

Kit pra defunto: meia marrom e meia preta,
vela, cordão de São Francisco e incenso,
e se o espírito não me engana eu penso
que tinha fumo de luto em sinal de tristeza.

Enxoval de batizado com um par de meiotê
branco,
Também leva a vela, perfume de alfazema,
tôca de lã, luvas, e do menino Jesus um emblema,
pra ficar no quadro da parede, junto do santo.

Tinha quite de noiva: buquê e capela,
brinco de ouro ou de fantasia e também aliança,
o noivo trazia no bolso medida do dedo dela
e fazia questão da qualidade pra ficar de
lembrança.

E pra costureira: fita, bico de cambraia e renda,
dedal, tesoura, agulha de máquina e fita métrica,
óleo pra máquina manual e máquina elétrica,
sianinha, inviéis, dedal de plástico pra fazer
emenda.

Desodorante mistral e perfume desejo,
incenso 102, brilhantina glostora e zezé
pasta kolinos, gessy e branquelejo,
pasta colgate, creme pra espinha de mulher.

Linha zebra, linha urso e linha bispo,
linha de tricô, de crochê e de pescar,
de pescar piaba, traíra e até o caniço,
espoleta de papel e pólvora pra caçar,

Era coisa demais e como tinha coisa,
friso, lápis de sobancelha e bico de caneta,
sim, boneca de pano e boneco de boina,
calunga que dorme, mamadeira e chupeta.

Pros cabra macho, bala de 38 e cartucheira,
765, bala "U", ouvido de espingarda calibre trinta
e dois
faca de sapateiro, canivete e peixeira,
e de cozinha peneira e escorredeira de arroz.

Pra meninada, binquedo de todo tipo,
bola de assopro, bola pelé, garrincha e rivelino,
e, pra encher a bola tinha também o pito,
tênis conga de menina e de menino.

E, pra escola, caderneta, lapiseira e carta do abc,
bico de pena, giz e luza pra escrever,
mata borrão, tinteiro e caneta de pau,
era tanta coisa, tinha até papeiro de mingau.

Também tinha meia soquete para os mais antigos,
gilete azul, pincel, espuma de barba branquinha,
suspensório, cinturão de plástico e de couro pros
amigos,
escova de dente dura, média e macinha.

Esmeril de amolar navalha de aço soligem,
espelho redondo e quadrado, creme pra impigem,
pó de arroz, rouge e camisa de malha,
bolsa de escola, maleta e alça de mala.

Era coisa demais, até comprimido pra dor,
cibalena, cibazol, melhoral e água rabelo,
sonrisal, gaiacol pra dor de dente e anador,
e, se não me falha a memória, tinta pra cabelo.

João Batista Bastos